



FBONLINE.COM.BR

////////////////////

Professor: Paulo Lobão

Aula 10

Estudo do conto
A mão no Ombro

Estudo do conto “A mão no ombro”

- Na história temos, no primeiro momento, um sonho em um jardim. Mas, diferente da maioria dos jardins, este não apresenta nenhuma forma de vida. Nele não há como saber se é dia ou noite, inverno ou verão.
- O ponto central deste jardim é a estátua de uma moça que sustenta a barra da saia para não molhar os pés e ela tem o poder de evocar no protagonista algumas lembranças.
- Devido a isso, enquanto a contempla, se sente observado e isso o faz recordar de uma brincadeira de infância com o pai que consistia em encontrar o caçador escondido na paisagem.
- A atmosfera de mistério criada pelo espaço-tempo: O homem estranhou aquele céu verde com a lua de cera coroada por um fino galho de árvore, as folhas se desenhando nas minúcias sobre o fundo opaco” (TELLES, 2015, p. 105).
- Dessa forma, a cor, que carrega a ambiguidade do imaturo e da decomposição, traz desde o primeiro momento o tema do duplo que se perpetuará por toda a narrativa.

- No conto, o protagonista percebe que o jardim onde está não corresponde a nenhum tempo externo e, assim, pode pertencer a todos os tempos. Por isso as estações não são demarcadas e a questão do tempo é trabalhada de forma que se reduza ao tempo dele: *“Um jardim fora do tempo mas dentro do meu tempo, pensou”* (TELLES, 2015, p. 105).
- No conto, os troncos das árvores não têm resina, nem formigas, não há flores, nem borboletas, nem pássaros.
- *Mas que jardim era esse? Nunca estivera ali nem sabia como o encontrara. Mas sabia – e com que força – que a rotina fora quebrada porque alguma coisa ia acontecer, o quê?! Sentiu o coração disparar. Habituar-se tanto ao quotidiano sem imprevistos, sem mistérios. E agora a loucura desse jardim atravessando em seu caminho. E com estátuas, aquilo não era uma estátua?* (TELLES, 2015, p. 106).
- O sonho do protagonista é opaco, seu jardim é sem vida, perdido em um momento que ele mesmo não consegue decifrar.

- No conto, a cena da estátua de uma moça que sustenta a barra de uma saia inicia o prelúdio das consecutivas lembranças que ele irá resgatar da infância, todas carregando esse viés contrastante do belo com aquilo que produz aversão.
- A primeira imagem que o jardim evoca é de quando seu “[...] pai gostava de jogar com ele: o caprichoso desenho de um bosque onde estava o caçador escondido, tinha que achá-lo depressa para não perder a partida” (TELLES, 2015, p. 106).
- Ele começa então a procurar o caçador escondido, mas no jardim morto nada se mexe. Enquanto o procura percebe que sua posição de caçador mudou para caça; ele sabe que não o encontrará, mas será encontrado por ele.

- Não apenas a imagem do pai é evocada, mas também a da mãe através da memória de quando esta o levou à procissão na Páscoa.
- A visão de Cristo ensanguentado com a coroa de espinhos atormentou-o quando criança e ele externa sua vontade de que a cena acabasse.
- A espera pelo sábado de aleluia para que o outro ressuscitasse era atroz, mudar o estado de sofrido e morto para renascido ao mesmo tempo em que o alentava, o deixava ansioso pelo acontecimento.
- *No fundo secreto, fonte de ansiedade, era sempre noite – os espinhos verdadeiros lhe espetando a carne, ô! por que não amanhece? Quero amanhecer!* (TELLES, 2015, p. 107).
- A ideia do amanhecer transcorre daquele sábado de aleluia para o atual momento. O sonho, que começou quieto, lento e curioso, torna-se desesperador fazendo com que o despertar passe a estar relacionado com o ato de viver.

- Outra lembrança no transcorrer do sonho: a de quando visitou o circo com a tia, e o passeio normalmente ansiado e mágico para crianças e adultos teve um fim trágico, pois [...] *o trapezista de malha branca (foi na estreia do circo?) despencou no trapézio lá em cima, varou a rede e se estatelou no picadeiro* (TELLES, 2015, p. 108).
- A retomada dessas cenas pode ser coadunada com a conhecida ideia de que antes de morrer sua vida passa rapidamente em frente aos seus olhos. Dessa forma, não é difícil perceber que o caçador à espreita que lhe tocará a mão no ombro é a Morte.
- No conto *A mão no ombro*, a Morte desce para buscar o protagonista, promovendo uma tomada de consciência.

- Logo que abre os olhos desperta também para sua vida e se questiona se há necessidade de contar para a esposa, considerando que naquele casamento já não havia mais amor ou companheirismo (isso se algum dia houve). F
- Faz suas atividades matinais normais, mas já não é o mesmo, é quem deveria ter sido por toda vida.
- Enfadado, levanta-se e vai ao banheiro, os gestos mais comuns sendo percebidos pela primeira vez nesses quase cinquenta anos de existência.
- *Cumpriu a rotina da manhã com uma curiosidade comovida, atento aos menores gestos que sempre repetiu automaticamente e que agora analisava, fragmentando-os em câmera lenta, como se fosse a primeira vez que abria uma torneira. Podia também ser a última. Fechou-a, mas que sentimento era esse? Despedia-se e estava chegando. Ligou o aparelho barbear, examinou-o através do espelho e num movimento caricioso aproximou-o da face: não sabia que amava tanto assim a vida. Essa vida da qual falava com tanto sarcasmo Não estou preparado. Seria uma morte repentina, coisa do coração – mas não é o que eu detesto? O imprevisto, a mudança de planos (TELLES, 2015, p. 110).*

- O protagonista demonstra enfim ter despertado para a vida pelo receio da Morte.
- *Tanta pressa nas relações dentro de casa. Lá fora, um empresário de sucesso casado com uma mulher na moda. A outra fora igualmente ambiciosa mas não tinha charme e era preciso charme para investir nas festas, nas roupas* (TELLES, 2015, p. 112).
- A mão no ombro do caçador à sua espreita o fez repensar; deu-lhe, pela primeira vez, vontade de importa-se consigo. Após toda a rotina matinal, recebe o beijo frio de seu filho e de sua esposa e entra no carro para o trabalho:
- *Entrou no carro, ligou o contato. O pé esquerdo resvalou para o lado, recusando-se a obedecer. Repetiu o comando com mais energia e o pé resistindo. [...] De onde vinha esse perfume de ervas úmidas? [...] A paisagem foi se aproximando numa aura de cobre velho, estava clareando ou escurecia? Levantou a cabeça para o céu esverdeado, com a lua calva exposta, coroada de folhas. Vacilou na alameda bordejada pela folhagem escura, Mas o que é isso, estou no jardim? De novo?* (TELLES, 2015, p. 113)

- O protagonista tenta forçar-se a dormir para poder escapar do encontro com o caçador e *sentiu o braço tombar, metálico, como era a alquimia? Se não fosse o chumbo derretido que agora lhe atingia o peito, sairia rodopiando pela alameda* (TELLES, 2014, p. 114).
- Nessa cena, podem ser percebidos os sintomas do ataque cardíaco assolando cada vez mais proeminentes o protagonista.
- Ele já não consegue se mexer, o que pode fazer é fechar os olhos e esperar adormecer para fugir para dentro do sonho da Morte no plano real. Mas enquanto cumpre a única coisa que lhe cabe fazer para não aceitar o destino final, quando sua travessia para o onírico está quase completa *entre a sonolência verde-cinza que retomava o sonho no ponto exato em que fora interrompido. Os passos. Sentiu o ombro tocado de leve. Voltou-se* (TELLES, 2015, p. 114).